

empíricos, os únicos que conhece — daí a “política dos governadores”, de um lado, e a orientação financeira de Murtinho, de outro lado, mas estreitamente ligadas — não tem nenhum escrúpulo em comprar a opinião da imprensa e de confessar nuamente essa conduta. Ela lhe parece honesta, justa e necessária⁽¹⁹⁴⁾. Essa compra da opinião da imprensa pelo governo torna-se rotina. Luís Edmundo pergunta, com propriedade: “No seu livro *Da Propaganda à Presidência da República*, que nos diz o presidente Campos Sales, falando dessa arrefeçada imprensa que ele, como outros presidentes, peitava à custa do Tesouro?” E responde: “É bom ler, vendo, com exatidão, a cifra que a mesma lhe custou”⁽¹⁹⁵⁾. A filha de outro presidente, bem informada, explica: “Acuado a situação semelhante, o grande presidente Campos Sales resolveu-a, subvencionando a imprensa. Confessou-o lealmente em seu livro *Da Propaganda à Presidência*, justificando a medida pela razão de Estado. Se não houvesse feito calar a grita dos jornais, não teria levado a termo a obra de salvação financeira do país. Depois de Campos Sales, outros presidentes tiveram de adotar o mesmo alvitre. (. . .) Em verdade, fizeram-no todos os governos da República, com exceção do Governo Provisório, que a censura preservava de qualquer ataque, e todos os Gabinetes do Império”⁽¹⁹⁶⁾.

A preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Note-se: não é a política, mas o fato político. Ora, o fato político ocorre, então, em área restrita, a área ocupada pelos políticos, por aqueles que estão ligados ao problema do poder. Assim, nessa dimensão reduzida, as questões são pessoais, giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos, os indivíduos que protagonizam o fato político. Daí o caráter pessoal que assumem as campanhas; a necessidade de endeusar ou de destruir o indivíduo. Tudo se personaliza e se individualiza. Daí a virulência da linguagem da imprensa política, ou o seu servilismo, como antípoda. Não se trata de condenar a orientação, ou a decisão, ou os princípios — a política, em suma — desta ou daquela personalidade; trata-se de destruir a pessoa, o indivíduo. É virulência semelhante, na forma, à do pasquim da primeira metade do século XIX, mas diferente no conteúdo. Essa distinção é que não tem sido percebida pelos historiadores, enganados pela semelhança formal que resulta da simples observação.

A fase assinala, desde o período de Campos Sales — de nítida estagnação econômica, escondida sob a pretensa sanidade financeira — o esforço

(194) Luís Edmundo: op. cit., pág. 1060, III.

(195) Campos Sales: *Da Propaganda à Presidência*, S. Paulo, 1908, pág. 152.

(196) Laurita Pessoa Raja Gabaglia: *Epitácio Pessoa* (1865-1942), 2 vols., Rio, 1951, pág. 441, I.